

Violências sofridas por professores da rede estadual de ensino de Colinas do Tocantins: um estudo de caso na Escola Estadual Lacerdino Oliveira Campos e no Centro de Ensino Médio Presidente Castelo Branco.

Dalila de Souza Barbosa¹, Djonatas Lucas Do Santos Dantas², Jhonatan Emanuel Rocha Sena³, Luís Rodomilson Pedrosa da Silva⁴, Sara José Soares⁵

¹ Estudante do Curso Técnico em Agropecuária do Campus Colinas do Tocantins - IFTO. e-mail: dalilasouzalila87@gmail.com

² Estudante do Curso Técnico em Informática do Campus Colinas do Tocantins - IFTO. E-mail: djom.clas08@gmail.com

³ Estudante do Curso Técnico em Informática do Campus Colinas do Tocantins - IFTO. E-mail: djhonatansenna@gmail.com

⁴ Professor EBTT do Campus Colinas do Tocantins - IFTO. E-mail: luis.silva@ifto.edu.br

⁵ Técnica em Assuntos Educacionais do Campus Colinas do Tocantins - IFTO. E-mail: sarapercy@ifto.edu.br

Resumo: Este artigo trata-se sobre violência contra professores, é uma pesquisa quali-quantitativa realizada em duas escolas estaduais de Colinas do Tocantins: Escola Lacerdino Oliveira Campos e Centro de Ensino Médio Presidente Castelo Branco. Foram entrevistados 26 professores no mês de agosto de 2018. O estudo mostrou o quantitativo de caso de violências que ocorreram com os professores dessas unidades escolares, qual o tipo de violência mais comum, quem praticou as agressões e analisou se os professores tem preparação para lidarem com essas situações. O artigo ainda busca alternativas para diminuir a quantidade de casos de violências nas escolas e quais as ações que a unidade escolar tomam quando ocorre casos de violências.

Palavras-chave: cotidiano escolar, professor, violência escolar.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo trata sobre a temática violências sofridas por professores, tomando como amostra de estudo a rede estadual de ensino de Colinas do Tocantins, na Escola Estadual Lacerdino Oliveira Campos e no Centro de Ensino Médio Presidente Castelo Branco. Ambas escolas foram escolhidas para participarem dessa pesquisa por atender uma grande quantidade de alunos de diversos bairros de Colinas do Tocantins.

Violência contra os professores não é um tema novo e deve ser debatido por todos, pois isso atrapalha o rendimento da instituição de ensino e auxilia para a desvalorização dos profissionais da educação e assim alunos, professores e instituição de ensino acabam sendo afetados com um ensino de má qualidade. A escolha dessa temática partiu da observação e debate entre os autores sobre a crescente onda de violência contra professores no Brasil divulgada nas mídias sociais, e depois da divulgação de uma pesquisa global da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) que coloca o Brasil como número 1 (um) no ranking de violência contra professores.

A pesquisa tem como objetivo analisar casos de violência contra professores nas respectivas escolas de Colinas, analisar quais os tipos de agressões mais comuns sofridas pelos professores, analisar se os professores são preparados para lidarem com esse tipo de problema, o que a escola faz quando o professor sofre uma agressão e buscar soluções de acordo com a opinião de professores para diminuir a quantidade de casos de violência nessas escolas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO/ESTADO DA ARTE

Para a organização Mundial da Saúde (OMS) violência é quando um indivíduo usa intencionalmente a força física ou o poder para ferir fisicamente ou psicologicamente a si próprio ou outras pessoas, podendo causar lesões, afetar o desenvolvimento ou até levar as vítimas a óbito. Segundo Krug et. al.:

O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação. (2002, p.5).

Para a Organização Mundial da Saúde (OMS) temos vários tipos de violências, são elas: a violência física que é quando um indivíduo usa a força para causar ferimentos, dores e lesões aos outros; a violência psicológica, quando um indivíduo agride outro verbalmente, causando constrangimentos, aterrorizando e humilhando; e a violência sexual em que um indivíduo usa a força física ou o poder para obter vantagens sexuais de outra pessoa. A violência sexual vai desde uma cantada até o sexo consumado sem o consentimento da vítima. Segundo Krug et al.:

Violência física: uso da força para produzir lesões, traumas, feridas, dores ou incapacidades. Violência psicológica: agressões verbais ou gestuais com o objetivo de aterrorizar, rejeitar, humilhar a pessoa, restringir sua liberdade, ou ainda isolá-la do convívio social. Violência sexual: ato ou jogo sexual que ocorre nas relações hétero ou homossexuais e visa a estimular a vítima ou a utilizá-la para obter excitação sexual e práticas eróticas, pornográficas e sexuais impostas por meio de aliciamento, violência física ou ameaças. (2002, p. 6)

É notório que ultimamente nos meios de comunicação vê-se casos e mais casos de violências contra professores. Segundo Araújo: “Nos últimos tempos, no Brasil como também no estrangeiro, se tornou contínuo na mídia a veiculação de matérias referentes a casos de agressões sofridas por professores e alunos dentro de sala” (2016, p.1).

Nas escolas os pais e alunos faltam com o respeito aos professores, os alunos passam uma imagem de que os professores é quem fazem mal aos alunos e nunca pelo contrário. Para Araújo , “Temos o seguinte quadro: de um lado, o aluno, do outro os pais, faltando, muitas vezes, respeito pelo professor de ambos os lados, ao se perpetuar a política de que os alunos são sempre as vítimas e que o professor geralmente ocupa o papel do culpado.”(2016, p. 2).

Deve-se também levar em consideração o que Shuartz apud Araujo (2016, p. 3) relata:

[...] é certo que muitos jovens, sobretudo a partir dos 14 ou 15 anos, se desinteressam da escola mais ainda se estão atrasados, pois a escola não lhes está adaptada. Mas afirmam que rejeitam a escolaridade e se revoltam, porque estão saturados de saber, é inexato. Rejeitam a escola tal como é, rejeitam, sobretudo, a injustiça da sua sorte. A saturação requintada dos jovens burgueses, conducente a marginalidade transitória, é acompanhada pela saturação dos jovens proletários, radical, pois estes não rejeitam o sistema escolar, mas adquirem a consciência aguda de que são rejeitados por ele, (SHUARTZ,1985, p.38).

As escolas não conseguem sozinhas acabar com a violência contra professores, e os professores de hoje em dia não estão preparados para lidarem com situações de violências, mas é de fundamental importância que eles sejam preparados para lidarem com isso, e é também de fundamental importância que os alunos aprendam valores para convívio em sociedade. Assim confirma Araujo:

A escola sozinha não tem o poder de reverter esse processo de violência das crianças e dos jovens em relação à figura do professor, até porque o professor, por vezes, pouco consegue estabelecer um relacionamento próximo e positivo com os alunos interessados. Alunos tidos como “incivilizados” e não reconhecidos nessa condição podem reagir inconscientemente com indisciplina e até violência. Portanto, é urgente preparar os professores para saber interpretar e lidar com uma nova geração de estudantes. Não se trata de inculcar em ambos os valores da classe dominante, mas sim, transmitir os valores universais da civilização: convivência, respeito, tolerância, simpatia etc. (2016, p.3).

Os professores sofrem com inúmeros problemas, não tem muitos incentivos hoje em dia, o que acaba os desmotivando. De acordo com Libâneo apud Araujo, “o cotidiano do professor não tem sido muito confortável, pois são muitos os papéis assumidos por estes profissionais, diante de um horizonte de desafios, como baixos salários, baixa auto-estima, ausência de valorização e indisciplina dos educandos” (2016, p. 4).

Mendes traz o trecho do depoimento de uma professora da educação básica:

Muitos alunos falam palavrões em sala de aula. Escrevem em classes e paredes, ofendendo professores. Riscam os carros no estacionamento. Debocham de nós, nos desprezam. É como se nós não tivéssemos direito de conquistar nada: um carro, uma casa, férias, uma viagem, um objeto bonito. Professoras que vêm bem arrumadas para a escola são motivo de chacota e fofocas dos alunos. Os jovens não respeitam seus pais, por que respeitariam a nós? (2003 p. 16).

Os professores passam por situações difíceis na atual situação do Brasil, onde o respeito para com o próximo está sendo extinto, mas a violência contra professores é um tema que deve ser discutido sempre.

3 METODOLOGIA/MATERIAIS E MÉTODOS

O presente estudo surgiu após o diálogo entre os autores ao observar os grandes índices de violência contra professores veiculados na mídia e presenciados no cotidiano escolar.

Trata-se de uma pesquisa quanti-qualitativa e análise bibliográfica aplicada entre os meses junho a agosto de 2018, com o intuito de verificar a quantidade de casos de violência e analisar diferentes opiniões sobre a temática violência contra professores. O estudo foi realizado em 2 escolas da rede estadual de Colinas do Tocantins.

Participaram desta pesquisa: vinte e seis professores da escola Lacerdino Oliveira Campos e do CEM – Presidente Castelo Branco, selecionados pela direção da escola, por ministrarem aula, e tratar com casos de violências, tais como: agressão física, psicológica e sexual. Os instrumentos utilizados para a coleta dos dados foram: questionários com 6 perguntas, artigos científicos e livros.

Os questionários foram compostos por quatro perguntas objetivas (quantitativa) e duas subjetivas (qualitativas) em que os professores puderam colocar suas opiniões e sugestões em relação ao tema. Para análise das perguntas subjetivas foi utilizada a análise textual discursiva. Após coletados os dados, os autores se uniram para tabulação dos dados, discussão e escrita do artigo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em relação aos questionários que foram aplicados nas escolas para 26 professores com a seguinte pergunta objetiva: “Você já sofreu algum tipo de violência no ambiente de trabalho, ou seja, em sala de aula?”, constatou-se que um percentual de 58% dos professores já sofreram violência em sala de aula e 42% dos professores nunca sofreram violência em sala de aula, como mostra o gráfico a seguir:



Figura 1 – Gráfico do quantitativo de professores que já sofreram violência na escola.

A violência está presente no cotidiano dos professores das escolas pesquisadas. Mais da metade dos professores já foram vítimas de algum tipo de violência. É um número alarmante, pois os professores são os responsáveis por darem o respaldo necessário para o estudante ingressar em um curso superior e no mercado de trabalho. Professores sofrem com baixos salários e com a desvalorização, não deveriam sofrer com mais essa desmotivação. A violência contra professores afeta toda a classe escolar, todos perdem com isso, a desvalorização dos professores afeta diretamente no ensino das escolas.

Em seguida perguntou-se: “Qual tipo de violência você sofreu?”. Constatou-se que a violência psicológica é a mais comum, totalizando 78% de casos, seguido de violência física que totaliza 17% e violência sexual, que totaliza 3% como mostra no gráfico a seguir:

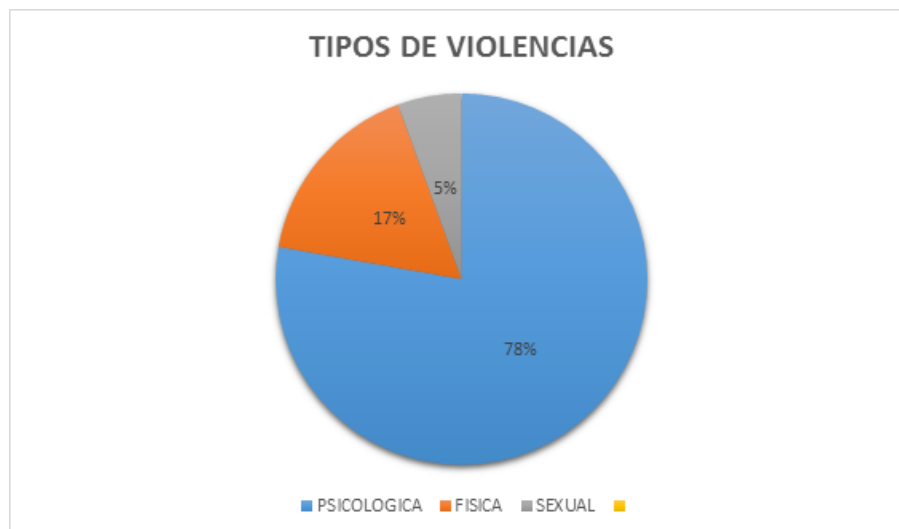


Figura 2 – Gráfico do quantitativo dos tipos de violências que os professores já sofreram.

A violência psicológica é o tipo mais comum sofrida pelos entrevistados. Ela chega a ser mais grave do que a violência física, pois não deixa marcas evidentes como a física, mas afeta o emocional. É caracterizado por violência psicológica atitudes como: piadas, rejeição, ameaças, discriminação, xingamentos. É alto o índice de violência psicológica nessas escolas de Colinas e isso mostra que esses tipos de acontecimentos estão presentes na vida dos professores.

O que também chama atenção é o quantitativo de violência física, esse tipo também está presente na vida dos professores. É o uso da força para ferir deixando marcas evidentes ou não nas pessoas por meio de murros, tapas, empurrão, agressões com objetos ou outras formas.

A violência sexual que é o uso da força física ou psicológica pra conseguir prazer sexual sem o consentimento da vítima também está presente na vida dos professores, dos 26 professores entrevistados, 2 já foram vítimas de violência sexual. Para algumas pessoas é um número pequeno mas na verdade esse número nem deveria existir. Os professores estão lá para ministrarem aula e não para serem assediados e desrespeitados.

Perguntando de quem a agressão partiu com a seguinte pergunta: “A agressão partiu de quem?” 83% dos professores pesquisados dizem que as agressões partiram de alunos e um percentual de 17% dizem que as agressões partiram dos pais ou responsáveis, como mostra o gráfico a seguir:

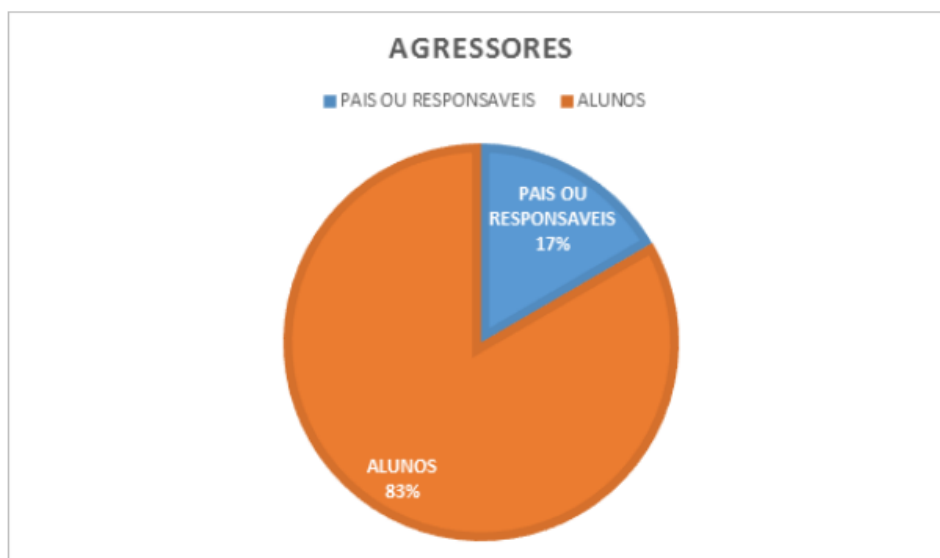


Figura 3 – Gráfico do quantitativo dos agressores.

A maioria das agressões contra professores partem dos alunos e isso é algo preocupante. Isso faz com que os professores sintam medo de ministrar aula, perdem a autoridade dentro da sala de aula e o mais agravante, perdem a vontade de trabalhar como professor e acabam sendo um profissional de má qualidade.

Trabalhar como professor virou uma profissão de risco. Os alunos deveriam respeitar e valorizar seus professores, pois os professores são os responsáveis por levarem o ensino aos alunos. Mas os pais ou responsáveis também tem parcelas de culpa, pois os mesmos nem sempre acompanham os filhos no ambiente escolar e geralmente acreditam em tudo o que os filhos dizem, pois tem uma imagem distorcida de que o professor é sempre o agressor e nunca o agredido, e acreditam que o papel da escola é educar, mas quem são responsáveis pela a educação dos alunos são os pais e não a unidade escolar. Todos esses fatores fazem com que pais e responsáveis agridam os professores também.

Perguntando aos professores “Se eles foram preparados durante o curso superior para enfrentarem situações de violência” constatou-se que apenas 12% dos professores entrevistados teve preparação para lidar com esse tipo de caso, e 88% dos professores não foram preparados para enfrentarem isso, como mostra o gráfico a seguir:

A violência está presente na vida dos professores das escolas pesquisadas. É notório o despreparo dos professores para enfrentarem esse tipo de situação. Apenas 3 dos 26 professores foram preparados para lidarem com essa situação no período que cursaram faculdade, o que mostra uma falha no processo de formação, pois a violência está presente na sociedade, não seria diferente em sala de aula. É um tema que deve ser discutido durante o curso e deve ter também capacitação para os professores aprenderem lidarem com a violência.

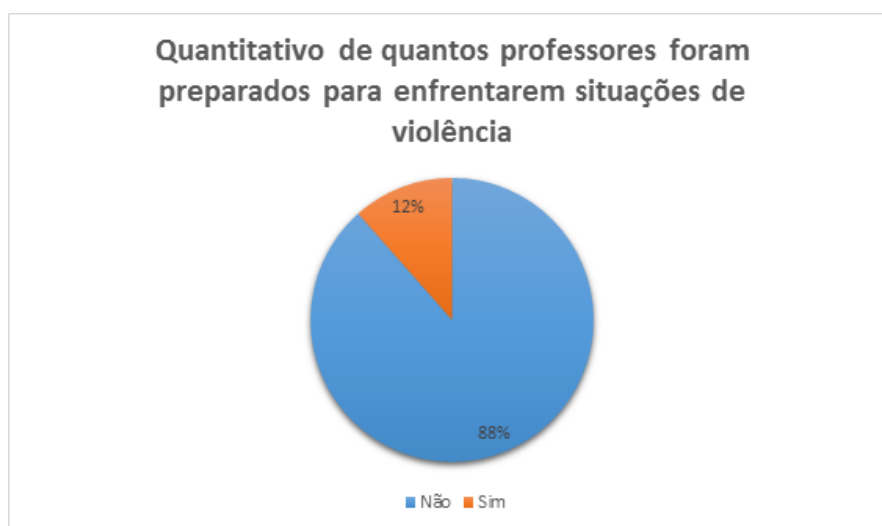


Figura 4 – Quantitativo dos professores que foram preparados para lidarem com situações de violência.

Foi feita a seguinte pergunta aos professores: “O que fazer para diminuir a quantidade de casos de violências contra professores?” As respostas foram divididas e apresentadas, conforme se observa a seguir:

Tabela 1- Ações para diminuir a quantidade de violências contra professores.

Acompanhamento da família.	8 professores
Regras mais rígidas para os alunos.	5 professores
Psicólogo nas escolas	4 professores
Diálogo com os alunos	4 professores
Acionar o conselho tutelar	1 professor(a)
Mudar as leis	1 professor(a)
Diminuir a maioria	1 professor(a)
Transferir alunos indisciplinados	1 professor(a)
Mais autonomia da escola	1 professor(a)

Na opinião dos professores entrevistados o acompanhamento da família é de fundamental importância para manter o bom convívio do estudante com os professores. A falta de acompanhamento dos pais deixa os estudantes com a ideia de que se nem os pais se importam com eles, os professores também não deveriam se importar, o que leva a falta de educação para com os professores.

De acordo com professores as ações que as escolas devem tomar para tratar essa temática são diálogo com os pais e alunos, mesa redonda com os alunos, psicólogos nas escolas e regras mais rígidas para alunos agressores.

Perguntou-se o que os professores entrevistados fazem quando ocorre algum caso de violência, com a seguinte pergunta: “Quais as medidas que vocês usam para resolver casos de violências na escola onde vocês trabalham?”. Dividiu-se as respostas em uma tabela, seguido do quantitativo de opinaram iguais:

Tabela 2 - Ações que as unidades escolares realizam quando ocorrem casos de violência.

Acionam a direção da escola	8 professores
Denúncia para a polícia	2 professores
Comunica aos pais	2 professores
Advertência verbal e escrita	1 professor(a)
Expulsão	1 professor(a)
Suspensão	1 professor(a)

Quando ocorre casos de violências contra professores nas escolas pesquisadas, as principais ações que os professores realizam são: acionar a direção escolar para dialogar com os alunos, chamar a polícia e comunicar aos pais. Observa-se que não há muito o que fazer diante da situação, principalmente por a maioria dos agressores serem menores de idade e depende de intervenção dos pais, o que geralmente não acontece.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa permitiu conhecer os níveis preocupantes de violência cometida contra os professores da rede estadual de ensino de Colinas do Tocantins e o quanto os mesmos ficam vulneráveis no exercício de sua profissão.

Como apontou a pesquisa, é necessário tomar providências para combater a violência, partindo da conscientização dos estudantes e seus responsáveis, por meio de diálogos e intervenção de profissionais como psicólogos, até a medidas de última instância como medidas disciplinares.

Mas, sobretudo, é preciso fazer um estudo aprofundado sobre o que leva os agressores a agirem violentamente contra os professores, para que assim se possa resolver os problemas na sua origem.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria José Pessoa de Andrade. **Violência no Cotidiano dos Professores: Análises de suas Causas e Consequências**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo de Conhecimento. Ano 1. Vol. 11. pp 221-231, dezembro de 2016. ISSN: 2448-0959.

MENDES, Tânia Maria. TORRES, Juliana Mousquer. **A vitimização de professores e a “alunocracia” na Educação Básica**. Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética segundo o protocolo 2006-373H, 2007.

ROCHA, Ernani Carvalho da. **Nuances de uma profissão: atos violentos de alunos contra professores**. Monografia. Pós-graduação – Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, 2015.

KRUG EG et al., eds. **World report on violence and health**. Geneva, World Health Organization, 2002.